

DO ARTES AO VIVO AO LUANDA SLAM: MARCOS DA POESIA FALADA EM ANGOLA NO SÉCULO XXI

[FROM ARTES AO VIVO TO LUANDA SLAM:
MARKS OF SPOKEN POETRY IN ANGOLA IN 21ST CENTURY]

MIRIANE PEREGRINO¹

ORCID 0000-0002-4410-347X

Universidade Federal do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Resumo: Este artigo apresenta e discute a construção do espaço literário da *poetry slam* em Angola a partir de três eventos-chave: o Artes ao Vivo, iniciado em 2004 por Lukeny Bamba Fortunato, The Spoken Word Project realizado em 2013 pelo Goethe Institut em Luanda, e o Rio Poetry Slam de 2015, no qual Elisângela Rita participou como representante de Angola antes de criar o Luanda Slam no final daquele mesmo ano. Levaremos em conta ainda a influência do Concerto Liberdade Já, campanha pela libertação dos 15+2 e que marcou o tom político de alguns poemas difundidos em 2015, ano de criação do primeiro campeonato angolano de poesia falada.

Palavras-chave: spoken word; poetry slam; hip hop; oralidade; MPLA

Abstract: This article presents and discusses the construction of the poetry slam literary space in Angola based on three key events: Artes ao Vivo, started in 2004 by Lukeny Bamba Fortunato, The Spoken Word Project carried out in 2013 by the German Goethe Institut in Luanda, and the 2015 Rio Poetry Slam, in which Elisângela Rita participated as Angola's representative before creating the Luanda Slam later that year. We will also consider the influence of the Concerto Liberdade Já, in the campaign for the liberation of the 15+2, which set the political tone of some poems broadcast in 2015, the year of the first Angolan championship of spoken poetry creation.

Keywords: spoken word; poetry slam; hip hop; orality; MPLA

Eventos-chave para difusão da poetry slam em Luanda

A construção do espaço do spoken word e do slam angolano foi iniciada, sobretudo, a partir de jovens negros de classe mais abastada que estudaram na África do Sul e nos Estados Unidos, Lukeny Bamba Fortunato e Elisângela Rita (ver “biografias destacadas”), onde entraram em contato com a poesia falada sob influência do hip hop e tornaram-se não apenas artistas, mas produtores culturais dessa arte. Assim, este artigo apresenta e discute a construção do espaço literário da *poetry slam* em Angola a partir de seus curadores e de três eventos-chave que, a meu ver, contribuíram para o surgimento da primeira competição angolana de *poetry slam*, o **Luanda Slam** criado por Elisângela Rita em dezembro de 2015, e esses eventos-chave foram: o **Artes ao Vivo**, iniciado em 2004 por Lukeny Bamba Fortunato, **The Spoken Word Project** realizado em 2013 pelo Goethe Institut alemão em Luanda, e o **Rio Poetry Slam** de 2015, no qual Rita participou a convite da slammer brasileira, Roberta Estrela D’Alva. Aqui, levaremos em conta ainda a influência do **Concerto Liberdade Já!** na campanha pela libertação dos 15+2 e que marcou o tom político de alguns poemas difundidos em 2015, ano de criação do Luanda Slam.

Essa pesquisa foi realizada durante doutorado sanduíche financiado pelo PDSE/CAPES e realizado na Universidade Agostinho Neto entre 2017 e 2018, e contou ainda com o apoio do Centro Cultural do Brasil em Angola (CCBA). Ao longo de 15 meses de trabalho de campo foram mapeados os principais eventos de poesia falada da capital angolana e entrevistados cerca de 40 artistas e poetas, cujos depoimentos foram a base da cronologia aqui apresentada.

Artes ao Vivo (2004-presente)

Em 19 de abril de 2004, foi fundado o Artes ao Vivo, primeiro evento de microfone aberto realizado semanalmente em Angola. A madrinha, segundo Lukeny Bamba Fortunato, é a artista plástica angolana, Isabel Baptista, que cedeu sua galeria de arte para a realização dos primeiros encontros semanais. Todas às terças-feiras, a partir das 19h. Algum tempo depois, Lukeny fechou parceria com o Espaço Bahia, um

restaurante e casa de show localizado na Marginal de Luanda, um dos endereços mais caros da cidade. Apesar disso, a entrada era gratuita.

Uma das noites do Artes ao Vivo no Espaço Bahia está registrada no documentário brasileiro *Cartas para Angola* (2011), dirigido por Coraci Ruiz e Julio Matos. No filme, vemos Lukeny Bamba Fortunato, um de seus personagens, trocar cartas com o poeta brasileiro Allan da Rosa e depois abrir o Artes ao Vivo no Espaço Bahia: “E mais uma vez sejam bem-vindos ao Artes ao Vivo. Isso é *spoken word, the poetry!*” (CARTAS..., 2011).

Um dos quadros do evento era o “Pergunta do Dia”, em que Lukeny falava de algum aspecto social de Angola e instigava a plateia a refletir sobre ele. No documentário, a “Pergunta do dia” era sobre um melão que estava sendo vendido num supermercado de Luanda pelo preço de 105 dólares.

“Para a Pergunta do dia, vamos falar sobre inflação?” – iniciou Lukeny, logo depois comentando o preço do melão – “Algumas pessoas dizem que não devemos nos preocupar se não formos a essa loja, mas esse supermercado está em Luanda, está na nossa cidade, no nosso país. Será que devemos nos preocupar? Sim ou não?” (CARTAS..., 2011)

No quadro seguinte do filme, um poeta angolano dá a resposta em forma de poesia: “Eu penso que eles já vêm a nos melar há muito tempo, eles nos melam desde que Diogo Cão aportou a foz do rio Zaire, desde que nos transformaram em mercadoria.” (CARTAS... 2011).

Dos depoimentos que pude coletar durante essa fase da pesquisa foram marcantes as palavras “censura” e “silêncio”, muitas vezes mencionadas pelos slammers. Apesar de nenhuma prisão ter sido efetuada, os artistas sentiam-se sempre vigiados. O gestor do Espaço Bahia, que não me concedeu entrevista, teria, ao que tudo indica, cancelado o Artes ao Vivo por temer possíveis retaliações do governo.

O Artes ao Vivo teve muitos endereços. Quando cheguei a Angola, em agosto de 2017, o evento era realizado no espaço cultural do Centro de Formação de Jornalistas (CEFOJOR), que fica em frente a Faculdade de Letras da Universidade Agostinho Neto (UAN). Em 2018, o evento havia sido transferido para o Espaço Sukara, ao lado da famosa Livraria Chá de Caxinde, na baixa de Luanda. Em poucos meses, contudo, o dono da Sukara, sem aviso prévio, cancelou as atividades do Artes ao Vivo. Em abril de 2019, justamente na comemoração dos 15 anos do Artes ao Vivo, o evento retornou ao Espaço Bahia e, pela primeira vez, cobrando 1.500,00 kwanzas de entrada. No cartaz da

segunda semana, entretanto, o preço caiu para 1.000,00 kwanzas e antes do final do mês foi anunciado como gratuito de novo. Essa variação, acredito, aponta tanto para a difícil relação entre o Artes ao Vivo e os gestores dos espaços quanto para o reconhecimento de que o valor era alto demais para o público cativo do evento semanal: jovens que, em maioria, eram da periferia da cidade. Em entrevista, Lukeny afirmou que, por muito anos, resistiu a cobrar entrada pelo evento.

O retorno do Artes ao Vivo, em abril de 2019, ao Espaço Bahia revela que o medo de possíveis censuras está se dissipando sob o governo de João Lourenço embora as represálias às manifestações populares continuem¹. Ainda assim, o debate político travado seja no meio ativista, artístico ou acadêmico tem crescido em Angola, como várias produções e eventos comprovam, especialmente os organizados recentemente na Universidade Católica de Angola (UCAN) sobre o 27 de maio e sobre as ações dos 15+2, e também a projeção nacional e internacional do poema “2022 vão gostar” da slammer e ativista Joice Zau, que faz crítica ao Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), o partido no poder, e convoca a população a votar diferente nas eleições que virão.

O Artes ao Vivo também virou programa de televisão. Em 2018, Lukeny Bamba Fortunato fechou parceria com o canal 2 da Televisão Pública de Angola (TPA2) para realizar semanalmente o Artes ao Vivo na TV, alcançando um público bem maior e atravessando as fronteiras da capital angolana.

“A princípio as pessoas eram muito acanhadas para recitar porque não havia essa cultura, esse hábito dos jovens recitarem. Então, algumas pessoas não acreditavam no projeto e também criticavam muito” – afirma Lukeny no documentário Cartas para Angola – “Hoje em dia as pessoas estão mais acostumadas ao microfone” (CARTAS..., 2011).

The Spoken Word Project (TSWP, 2013)

Embora a prática do spoken word fosse difundida em Luanda pelo Artes ao Vivo desde 2004, após Lukeny Bamba Fortunato retornar de seus estudos nos Estados

¹ Notícias sobre manifestações políticas e repressão têm sido frequentes nas redes sociais e veículos de comunicação. A insatisfação com o MPLA cresce e a expectativa em torno das eleições governamentais de 2022 é grande.

Unidos, a primeira competição do gênero ocorreu apenas nove anos depois e sob organização de agentes estrangeiros: o Goethe-Institut que é o instituto cultural da República Federal da Alemanha² para ações de promoção da língua alemã no exterior e intercâmbio internacional.

A popularidade da poetry slam na Alemanha levou o Goethe Institut a promover a prática dessa competição em países africanos e criar um festival pan-africano de poesia falada. Ulla Wester, uma das funcionárias responsáveis pela iniciativa, nos informou que

A ideia do projeto surgiu de fato em uma reunião de colegas do Goethe-Institut na África Subsaariana, quando havíamos conversado sobre poesia em países africanos, junto com um poeta da África do Sul, sobre o fato de que a oralidade e performance (ou seja, palavra falada) são muito importantes no contexto da poesia e da literatura, provavelmente mais importantes do que transmitir poesia por escrito/ por livros físicos e formatos digitais. Foi também baseado na ideia de que as histórias viajam frequentemente de um lugar para outro e que mudam no seu caminho, que decidimos começar em Joanesburgo e depois iniciar uma viagem por vários países africanos e criar uma rede de histórias, às vezes digitalmente através de gravações de vídeo e outras através de uma ou duas pessoas de um evento em um país que viajariam para o próximo evento em outro país. WESTER, Ulla. 2019. (informação verbal, tradução minha)

Devido a transferência de Wester para a Argentina, o TSWP passou a ser desenvolvido no instituto da África do Sul pela bibliotecária Brigitte Döllgast responsável pela fase de apresentação dos resultados no projeto em festivais na Alemanha nas cidades de Mannheim, Maddeburg, Halle e Berlim em junho de 2014, e organização do livro “The Spoken Word Project. Stories travelling through Africa” publicado pela Lektora Verlag em 2014. O livro é acompanhado de CD-ROM com artigos, depoimentos, biografias e vídeos com performances de alguns dos participantes do projeto que teve coordenação artística da poeta africana Linda Gabriel.

The Spoken Word Project nasceu, assim, em 2013, no Goethe-Institut da África do Sul. Segundo Friederike Hochstein³, o Goethe-Institut estava atento à proliferação da poetry slam na Alemanha e as expressões da poesia falada na África do Sul, quando criou o projeto TSWP. O objetivo do projeto foi desenvolver uma rede pan-africana de poetry slam a partir de Joanesburgo, na África do Sul. O subtítulo do projeto é “Stories travelling through África” (Histórias viajando pela África). Ao longo de 2013, The Spoken Word Project foi realizado ainda nas cidades de Yaundé (Camarões), Luanda

² Em Moçambique, o Centro Cultural Moçambicano-Alemão (CCMA) tem esse papel.

³ The Spoken Word Project. Fonte: <<http://goethezentrumkampala.org/the-spoken-word-project-at-the-gzkugcs>>. Acesso em: 11 maio 2019.

(Angola), Kampala (Uganda), Nairobi (Quênia), Bamako (Mali), Antananarivo (Madagáscar) e Abidjan (Costa do Marfim).

O Goethe-Institut mapeou as iniciativas de spoken word desses países e dinamizou-as com The Spoken Word Project. Exemplos disso são as descrições de projetos originais de alguns países disponíveis no CD-ROM do TSWP. O artigo “A cena da palavra falada em Angola” apresenta a história de Lukeny Bamba Fortunato, reconhecendo-o como um dos protagonistas da cena do spoken word em Angola:

O surgimento da palavra falada (Spoken Word) nas terras do Kwanza tem os seus protagonistas, como é o caso de Lukeny Bamba Fortunato, curador do primeiro festival de Spoken Word em Angola. Rapper e organizador de eventos culturais, Lukeny engajou-se em fazer do estilo uma constante semanal no ainda insuficiente cardápio cultural luandense. As ideias do rapper foram maturadas durante a sua vivência no Sul dos Estados Unidos, onde teve contacto com jovens universitários que faziam Spoken Word e passa a participar das sessões de slam poetry. (GOETHE INSTITUT, TSWP, 2014)

O texto identifica Lukeny como “curador do primeiro festival de Spoken Word em Angola” e o articulador do evento do Goeth Institut em Luanda em 2013 e informa ainda que The Spoken Word Project seria realizado em 27 de agosto de 2013 no Espaço Bahia, ou seja, sob o auspício do Artes ao Vivo. Afinal, era no Espaço Bahia que o Artes ao Vivo realizava semanalmente seus eventos desde 2004.

E são estes que veremos neste primeiro festival de Spoken Word, a acontecer no dia 27 de Agosto 2013, aí mesmo no Espaço Bahia. Fora a oportunidade em trocar experiências com países africanos com uma cultura onde a palavra falada já está mais desenvolvida, este evento organizado pelo Goethe-Institut Angola poderá ser um ponto marcante para a distinção e merecido protagonismo de bons poetas fazedores de Spoken Word deste tímido circuito luandense. (GOETHE INSTITUT, TSWP, 2014)

Em Angola, TSWP contou com a participação de dez artistas angolanos: Armindo Paim, Elisângela Rita, Ermildo Panzo, Gabriel Jaime Rosa, Ludmila dos Santos, Kátya dos Santos, Kialunga Afonso (Kapa Afonso), Miguel Major, Pedro Belgio e Sábio Louco.

Ermildo Panzo⁴ conquistou o 1º lugar no The Spoken Word Project com a performance literária “Nas mãos da guerrilha” e Elisângela Rita, o 2º lugar com “A música que nos une”. Respectivamente, Ermi Panzo foi o representante angolano do

⁴ Ermildo Panzo, também conhecido como Ermi Panzo, atualmente, vive em São Paulo e tem realizado ações culturais em promoção da cultura africana no Brasil. Ainda em Angola, entrevistei-o por chamada de vídeo. Mas em abril de 2018, quando eu estava no Rio de Janeiro, recebi-o no Rio de Janeiro onde visitamos a comunidade angolana da favela da Maré e tivemos oportunidade de ter uma conversa presencial sobre o slam angolano.

Festival Pan-Africano de Spoken Word Project e Elisângela Rita a representante angolana no Shoko! Festival de Poetry Slam do Zimbabwe e para o Rio Poetry Slam da Festa Literária das Periferias (FLUP), no Brasil.

Rita Soares, coordenadora da programação cultural do Goethe Institut de Angola afirmou que o projeto estabelecia “a ligação entre a arte tradicional de contar histórias, como ainda acontece na África Ocidental, e uma das suas modernas manifestações pela palavra falada”. Segundo Soares, o Goethe-Institut desejava documentar as formas de poesia falada na África subsaariana e colocar em contato artistas que, por vários motivos, não se conheciam e estavam isolados. The Spoken Word Project serviria, assim, como um fio condutor de vários modos de contar histórias. “Queremos mostrar que a arte deve ser feita com maior consciência global”, afirmou Rita Soares em entrevista ao Jornal de Angola⁵.

No caso de Angola, e com base no depoimento dos próprios slammers que participaram do The Spoken Word Project (Ermi Panzo, Elisângela Rita, Kátya dos Santos, Kapa Afonso, Pedro Belgio e Sábio Louco), é notória a importância da competição promovida pelo Goethe Institut na formação de novas redes e intercâmbio entre artistas para esse país. Vemos ainda esse processo de internacionalização se intensificar com a criação da Copa Africana de Slam Poetry em 2018, envolvendo agentes internos e externos de diversos países.

É pertinente trazer aqui algumas considerações sobre as performances dos poetas vencedores do The Spoken Word Project Angola, em 2013: “Nas mãos da guerrilha”, de Ermi Panzo e “A música que nos une”, de Elisângela Rita⁶.

Elisângela Rita apresentou-se com o corpo, a fala e gestos sem utilizar elementos externos. Ela não se caracterizou para declamar “A música que nos une”, mas, em algumas passagens, recita cantando. Seus versos remetem a expressões locais e estrangeiras, como por exemplo, “tarrachinha”, “semba” (ritmos musicais angolanos) e “play” e “vibe”.

A música é a Rebita que nos faz dar os braços / A Tarrachinha que promove muitos amassos / E o Kuduro que ninguém sabe bem porquê mas todos amamos / É o Kilapanga do Popula / E o Semba,

⁵ Jornal de Angola, 31 ago 2013. Disponível em: <http://jornaldeangola.sapo.ao/cultura/declamador_e_distinguido?mobile>.

⁶ As performances de Ermi Panzo e Elisângela Rita estão disponíveis nos links a seguir: <<https://www.youtube.com/watch?v=0LLPkhuMgEE>> / <https://www.youtube.com/watch?v=98WXGPtjV_o&t=150s>. Acesso em: 11 abr. 2019.

é a Kabetula / E a mamã da Ilha que bungula / E o Heavy Metal daquele pessoal de preto que só pula / E aquela boa vibe na qual todos entramos ao ouvir sequência sono que nos revela.

A música, como um tema universal, celebra a união de todos, sem distinção de raça, tipo físico, classe social, diploma ou cargo/emprego: “Na música unimo-nos sem raça/ Com graça sem cabelos lisos nem rastas/ Sem castas, nem pastas, nem cargos/ Nos unimos a todos, gordos ou magros”.

A música que nos une é um dos poemas do livro *Coração Achado*, de Elisângela Rita, publicado pela Chiado Editora, de Portugal, em 2015. Se compararmos o texto escrito com o performático apresentado e publicado em vídeo no canal do Institut Goethe em 2013, perceberemos que o verso “Da africanidade!” não foi recitado em 2013. Talvez Rita o tenha suprimido no poema durante a apresentação ou o tenha modificado quando o publicou em livro. O verso “Da africanidade!”, no livro, aparece após o trecho “Pois é a mais pura manifestação humana da irmandade”. A performance provoca isso, a reconfiguração do texto em cada ato declamatório.

O que nos une é a palavra, seja ela escrita ou falada, chorada ou cantada.
A que quando expressada é eternizada
Pois é a mais pura manifestação humana da irmandade
Da africanidade! (...)
Deixa penetrar a música que nos une,
Vem comigo. Vem, ser imune.

Já Ermi Panzo caracterizou-se teatralmente para a performance no TSWP. O poeta angolano vestiu-se como um guerrilheiro, com uniforme e boina, para fazer a declamação. No vídeo do Institut Goethe, notamos uma música melancólica ao fundo, compondo o cenário da performance de Panzo. Do poema, vejamos os trechos a seguir: “Sobrevivi nas costas de diversas mulheres maternas para fugir dos confrontos militares da época. Era a guerra que assolava minha infância! Meus pais... quais meus pas? Quais?”

O poeta declama, lápis à mão, e encena escrever num papel. A certa altura, simula que chora, noutra que ri: “Fui crescendo, crescendo... Mas a vida militar esperava-me! Tão logo fui ruscado...”.

O verso “fui ruscado” nos remete ao serviço militar obrigatório por meio da rusga, procedimento no qual os jovens eram recrutados involuntariamente para a guerra. Na recolha de depoimentos de imigrantes angolanos que realizei na favela da Maré, no Rio de Janeiro, a fuga das rusgas apareceu como uma das principais motivações da

imigração masculina⁷. Na dissertação de mestrado “Emigrar de Angola e imigrar no Brasil: jovens imigrantes angolanos no Rio de Janeiro, história(s), trajetórias e redes sociais” (2001), Regina Petrus também aponta a fuga do serviço militar obrigatório como a principal motivação da imigração de jovens angolanos após as eleições de 1992, quando as disputas entre os partidos do MPLA e UNITA se acirraram e a guerra civil recomeçou.

Nascido em 1990, Ermi Panzo contava apenas dois anos de idade quando a guerra recomeçou e doze anos quando ela terminou, em 2002. “Nas mãos da guerrilha” traz uma narrativa ficcional inspirada na história recente dos mais velhos.

A certa altura da performance, Panzo apanha um cigarro do bolso e leva-o a boca, sem acendê-lo. Sua voz ganha um tom mais dramático enquanto ele guarda papéis e caneta no bolso: “E lá se foi minha infância suprimida. E lá se foi meu homem anestesiado. Lá se foi a guerra...”

Após os últimos versos, assistimos Ermi retirar-se do palco sem acender o cigarro. Retira-se como se fosse o próprio “homem anestesiado”, como se fosse a própria guerra. No vídeo, notamos o entusiasmo da plateia, que vibra e aplaude. A declamação de Panzo, assumidamente teatral, durou cerca de 4 minutos. The Spoken Word Project dava até 5 minutos para cada artista declamar. O spoken word, nesses termos, configurou-se de forma mais livre que as competições de poetry slam.

Em 2014, o Movimento Berço Literário, liderado pelo poeta e empreendedor Kapa Afonso, lançou a antologia “Poemas de Berço e outros versos”, pela Papiro Editora, de Portugal. Na capa do livro há um destaque: “Inclui o poema vencedor do 1º concurso de spoken word realizado em Angola”. O texto de Ermi Panzo, “Nas mãos da guerrilha”, faz parte da antologia na qual foi possível ainda localizar poemas de Bel Neto e Pedro Belgio, que seriam vencedores nas competições do Luanda Slam entre 2016 e 2017.

Rio Poetry Slam (2015)

Elisângela Rita representou Angola no Rio Poetry Slam da Festa Literária das Periferias (FLUP), em 2015, a convite da slammer brasileira e curadora do evento,

⁷ Essas entrevistas foram material de apoio da peça “Hoje eu não saio daqui” da Cia Marginal, Edital Rumos Itaú Cultural, da qual fui consultora de pesquisa em 2019.

Roberta Estrela D’Alva. Em entrevista concedida para elaboração da tese de doutorado, Rita afirmou que foi após sua participação na FLUP que decidiu organizar a 1ª edição do Luanda Slam, no Espaço Bahia, em parceria com o Artes ao Vivo.

O fator decisivo foi mesmo ter ido a Flup e ter entendido que eram pessoas normais que organizavam um concurso tão grande – afirmou Elisângela Rita – E o que parecia muito distante, impossível e que eu não iria conseguir, na Flup, entendi que não era bem assim. Pessoas normais, que também tinham outros trabalhos, pessoas como eu estavam a fazer uma Flup, então, eu também conseguiria realizar algo do gênero. (informação verbal)

Embora tenha despertado para a competição em 2013, com a classificação no The Spoken Word Project, Elisângela afirma que 2015 foi um ano de consagração, pois, em outubro, publicou seu livro de poesia “Coração Achado” em Portugal; em novembro, participou da Flup, no Rio de Janeiro e, retornando a Luanda, organizou e realizou em apenas um mês a 1ª edição do Luanda Slam.

“Esse ano [2015] foi como se eu tivesse criado um sonho: fazer uma competição como a Flup em Angola. O Luanda Slam ainda não é, mas talvez fique um dia. Dá muito trabalho, mas talvez fique um dia [parecido com a Flup]” – avaliou Elisângela Rita.

Embora o spoken word já tivesse sido introduzido em Angola há mais de uma década, faltava na cena do microfone aberto angolano a competição, o slam propriamente. Elisângela é quem faz essa inserção e, mais uma vez, seu contato com a Festa Literária das Periferias no Rio de Janeiro foi fundamental em seu processo como slammaster: “Na Flup eu vi que era importante sim a gente trazer o elemento da competição para potencializar o movimento [da poetry slam] em Angola”.

A partir daí, anualmente, Angola participa do evento da FLUP. Podemos dizer que a constituição dessa rede teve o The Spoken Word Project como ponto de partida já que Elisângela Rita entra no radar internacional da poetry slam após conquistar o 2º lugar nesta competição em Luanda.

Flup 2015: Elisângela Rita, 2º lugar no The Spoken Word Project Angola;

Flup 2016: António Paciência, 2º lugar no Luanda Slam 2015 e 1º lugar no Luanda Slam de 2016;

Flup 2017: Bel Neto, 3º lugar no Luanda Slam 2016 e 2017; nesse ano, Ermi Panzo foi um dos autores convidados da Flup também, mas, na ocasião, ele já estava morando no Brasil;

Flup 2018: Luana Bartholomeu, 1º lugar na competição feminina Muhatu (competição organizada por Elisângela Rita em 2017 e 2018).

Flup 2019: Elisângela Rita no Rio Poetry Slam com poetas negras de vários lugares do mundo.

Flup 2020 (virtual): não teve participação de poetas angolanos na 1ª edição virtual do Slam Cúir e nem na 1ª mostra do Abya Yala Poetry Slam organizados sob coordenação geral do Rio Poetry Slam⁸.

Flup 2021 (retorna a presencial): Joice Zau, poeta angolana, vencedora do Slam Br 2021 representou o Brasil na 1ª edição do Abya Yala Poetry Slam.

De forma oficial, Angola não enviou representantes para a FLUP dos últimos dois anos visto que as temáticas tiveram como reporte a participação de poetas das américas. No entanto, a participação de Joice Zau na 1ª edição da Copa das Américas de Slam, Abya Yala, na FLUP 2021 diz muito sobre as dinâmicas das competições *online* que tomaram as redes sociais em todo mundo e de forma muito particular no Brasil durante a pandemia, culminando na vitória da angolana no campeonato brasileiro de poesia falada, o Slam BR 2021⁹.

Concerto Liberdade Já (2015): a força do rap e do spoken word contra o governo

Para entendermos o contexto do Concerto Liberdade Já! e do papel da cultura hip-hop na cena política angolana precisaremos recuar um pouco no tempo. O artigo “Hip-hop em Angola: o rap de intervenção social” (2016) dos pesquisadores angolanos Gilson Lázaro e Osvaldo Silva é um texto fundamental para entender a propagação do rap no país africano. De Nova Iorque para o mundo, o hip-hop ultrapassou todas as fronteiras e tornou-se um movimento cultural global.

Com o fim da União Soviética, um conjunto de transformações tiveram início em países aliados, como Angola, que tinha estreita ligação com os soviéticos e os cubanos desde o período de luta anticolonial. No seu caso específico, Lázaro e Silva (2016)

⁸ Ver Programação da FLUP disponível em: <https://www.flup.net.br/_files/ugd/649597_4ba7a9de5c82479eaf5dcaf0eeca77a2.pdf>.

⁹ Discuto a vitória de Zau no Slam BR na reportagem a seguir: <https://www.pordentrododiafrica.com/cultura/poesia-sem-fronteiras-joyce-zau-poeta-angolana-e-a-campea-do-slam-br-2021?fbclid=IwAR0bsNulyuNbxQaNFMAxs1e93zaTij7Uc6zvjQPSNczVsT2d_WWzqk153cY>.

apontam três aspectos decisivos nas mudanças iniciadas nos anos de 1990: “a transposição social (da guerra para a paz), política (do monopartidarismo para a democracia) e econômica (da economia centralizada para a economia de mercado)”. (LÁZARO; SILVA, 2016, p. 44-45). É nesse processo de abertura e introdução de novos produtos no mercado angolano que os padrões de consumo se modificam, em especial, entre a população urbana. Segundo Lázaro e Silva, nessa época os primeiros filmes sobre a cultura hip-hop começam a circular em cinemas de Luanda e na Televisão Pública de Angola (TPA), que era então o único canal de TV do país.

Em certa medida, os rappers acabaram assumindo o papel de porta-vozes da sua geração e das suas comunidades, visando os problemas sociais de seu tempo. (LÁZARO; SILVA, 2016, p. 47). Muitos dos rappers angolanos cresceram e vivenciaram o clima da guerra civil (1992-2002) e isso trouxe um contraste entre as gerações de angolanos: “o que contrasta com a narrativa da geração mais-valia sobre o período glorioso do pós-independência” (LÁZARO; SILVA, 2016, p. 49). Em outras palavras, é a nova geração confrontando as narrativas da geração da utopia.

Se o movimento hip-hop traduziu essas insatisfações em letras de músicas, a literatura da nova geração não ficou para trás. O jovem escritor Claudio Kiala ganhou o Prêmio “Quem me dera ser onda” concedido pela União dos Escritores Angolanos, em 2009, por seu livro *Perdidos na escuridão*. Carmo Neto, então secretário-geral da União dos Escritores Angolanos, comentou o poder do livro de Kiala: em 2009, o jovem estudante colocava no papel as manifestações que ganhariam corpo na Praça 1º de Maio, em Luanda, a partir de 2011. *Perdidos na escuridão* anunciava que as injustiças não seriam mais aceitas passivamente pela população. Os *revús* (novos revolucionários) estavam chegando.

Os ativistas angolanos, *revús*, inspiraram-se nas manifestações iniciadas no norte da África no ano anterior, momento conhecido como Primavera Árabe. Na Tunísia, as manifestações levaram Zine El Abidine Ben Ali, presidente desde 1987, a fugir para a Arábia Saudita. Em Angola, os *revús* queriam o fim do governo de José Eduardo dos Santos, apelidado por Zedu. Nas manifestações de 7 de março de 2011, muitos foram presos e um grupo de ativistas criaram a Central 7311, um veículo de defesa dos direitos humanos em Angola.

Em 20 de junho de 2015, 15 jovens foram presos por reunirem-se para leitura e discussão do livro de Gene Sharp, *Da Ditadura à Democracia* – uma estrutura conceitual para a libertação (1993). Eles foram acusados de terrorismo pela leitura desse livro. O caso teve repercussão mundial, deixando mais evidente a gravidade do autoritarismo do governo do MPLA. Mais tarde, duas mulheres, também manifestantes, foram presas e o caso das prisões ficou conhecido como 15+2 (quinze + duas). Muitas pessoas, dentro e fora de Angola, se mobilizaram pedindo a liberdade dos ativistas. No mesmo ano, iniciou-se o movimento “Liberdade para os Presos Políticos Angolanos”, que realizou ações tais como a Conferência de Imprensa com familiares dos presos e a Campanha “Liberdade Já”, que reuniu depoimentos em defesa dos presos políticos e promoveu o Concerto “Liberdade Já”, em Luanda e em Lisboa.

Dentre os profissionais que gravaram depoimentos com a nota do Liberdade Já estão renomados escritores, professores universitários, pesquisadores, cineastas, cantores, entre outros. Destaco a participação dos escritores Ondjaki, Kalaf Epalanga e José Eduardo Agualusa, dos cineastas Kamy Lara, Afonso Sérgio e Mário Bastos, dos artistas Kiluanji Kia Henda e Nastio Mosquito, dos cantores Aline Frazão e Paulo Flores, das ativistas Sizaltina Cutaia e Mel Gamboa, da rapper Girinha e do ator Orlando Sérgio. Os vídeos contam também com nomes internacionais tais como do cantor brasileiro Chico César.

Essas vozes unidas, exigindo a libertação dos jovens presos em 20 de junho de 2015, trouxeram à tona a relação Estado-cidadão em Angola, em especial, no que diz respeito à liberdade de expressão. Os jovens presos sem provas “sob a acusação de tentativa de Golpe de Estado” são descritos nos depoimentos da Campanha “Liberdade Já” como inocentes e o texto é preciso ao cobrar uma resposta das autoridades angolanas: “Apelamos às autoridades angolanas para que respeitem a liberdade de expressão e de pensamento consagradas na Constituição da República”.

Em 2 de agosto de 2015, a Campanha promoveu concertos em Luanda e Lisboa em que pediam a soltura dos presos políticos. O Concerto “Liberdade Já” aconteceu no Elinga Teatro, em Luanda, e na Galeria Zé dos Bois, em Lisboa, com adesão de diversos artistas¹⁰.

¹⁰ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gtDaQK3gvJc>>.

Em vídeo da Campanha “Liberdade Já”, o escritor angolano, Kalaf Epalanga, deixou também uma fala: “Quero saudar os corajosos que tão aí todos os dias, todos os dias, mas todos os dias, um dia a seguir ao outro, a trabalhar por uma Angola melhor”. A repetição de “todos os dias” no depoimento de Epalanga reitera o reconhecimento do exercício cotidiano de luta de muitos cidadãos angolanos.

Em outra passagem do vídeo “Concerto Liberdade Já”, que não especifica se se trata de Luanda ou Lisboa, o cantor angolano Mona Dya Kidi fala com a plateia e também deixa seu recado: “Esse mambo tem que acabar. Eles têm que nos ouvir!”. Noutra momento, assistimos o rapper angolano MCK cantar a seguinte letra ao microfone: “Liberdade já! É o fim do MPLA! Liberdade já! É o fim do MPLA!”

No concerto, além do rap, a poesia falada também foi um veículo de amplificação das vozes que exigiram a liberdade dos presos políticos. O poeta Sábio Louco recitou dois poemas no Elinga Teatro: “Tou a falar bem” e “Luanda já não existe mais”¹¹ e houve a participação também do Ngamba Spoken Word, primeiro grupo de spoken word angolano formado pelos poetas Euclides Sabino (1993-2016), António Paciência e Pedro Belgio¹².

Sábio Louco, pseudônimo de Bari Júlia de Andrade Silva, é técnico de som na Televisão Pública de Angola (TPA) do Estado angolano. Durante as performances de “Tou a falar bem” e “Luanda já não existe mais”, ele alterou o tom de voz diversas vezes, falou baixo, mas depois soltou as palavras em gritos repentinos. As mãos, às vezes contidas, os dedos entrelaçados junto ao corpo, se acariciavam nervosamente. No momento seguinte, braços para o ar, gestos bruscos acompanharam o novo ritmo das palavras. A performance parece ganhar a plateia pela comicidade, mas muitos dos versos são de críticas ao governo: “Eu lembro quando dormíamos e as pessoas estavam sempre a teimar/ E eu lamento Angola banalizar assim a tua juventude intelectual”.

Os trechos acima são do poema “Luanda já não existe mais”, declamado por Sábio Louco em referência direta aos presos políticos. Já as passagens a seguir dizem respeito aos três principais movimentos de libertação de Angola: Frente Nacional de

¹¹ Sábio Louco recita “Tou a falar bem”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=AbqjrQt1fkw>> / Sábio Louco recita “Luanda já não existe”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=t-nC9C1sdkU>>.

¹² Esses poetas serão importantes personagens da cena do slam angolano que se consolida com a 1ª edição do Luanda Slam que também aconteceria no final daquele ano. Em 2013, Sábio Louco e Pedro Belgio também figuraram entre os concorrentes do The Spoken Word Project promovido pelo Goethe Institut.

Libertação de Angola (FNLA), União Nacional de Libertação de Angola (UNITA) e Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA).

Quando o movimento passou, os outros dois ficaram bem atrás. E ontem eu estava a ler no café quando [ele] disse assim:

— Comé? Tem os três movimentos?

— Não kota, só tem um ... E quem fala a verdade leva no cú.

Em “Luanda já não existe mais”, o poeta revela a desconfiança que paira entre a geração da utopia e a sua geração, o que os divide de modo profundo: “E às vezes eu fico assim a perguntar: será que vale a pena acreditar que os nossos tios, libertadores, aqueles que lutaram contra o colonialismo, tem mesmo vontade de nos ajudar?”

A performance continua com gritos de ironia: “Viva o partido!”. A parte final da performance está pouco audível. A segunda performance, “Tou a falar bem”, é realizada no mesmo cenário do Elinga Teatro e começa narrando a prisão de 20 pessoas. Depois, o poeta, desanimado, afirma que a repressão policial se repete:

Quatro anos se passaram mesma coisa se repete, repressão policial e os miúdos... [incompreensível] E às vezes eu me pergunto será que vale a pena continuar com manifestação se há repressão? Meu tio estás a me bater! Sou seu sobrinho, te fiz o quê? [Ele] Diz que é Segurança do Estado, mas também tem fome.

A compreensão de que o policial é também um oprimido está explícita no texto-performance e a plateia do Elinga Teatro aplaude Sábio Louco com entusiasmo. Embora exerça a função direta de repressão do Estado, o policial é apresentado no texto como um igual em sua origem social, partilhando também a miséria em que vivem os demais angolanos. O texto-performance não apresenta uma solução para esse ponto de tensão, mas provoca o leitor/ouvinte. Em outra passagem, Sábio Louco brinca com sua própria condição de trabalhador do Estado e poeta que se apresenta no Concerto manifesto, o Liberdade Já.

Meu nome é Sábio Louco não posso falar tanta coisa senão vou por em risco meu trabalho na televisão. Chefe, eu não fiz nada de errado, meu! Eu também fui no dia 29, mas não fiquei do lado dos revolucionários. Tava do lado do partido!

Sábio Louco brinca, mais adiante, em tom de quem sai da narrativa do texto-performance e fala diretamente com a plateia: “Eu tô aqui dando uma de valente, amanhã tenho que me apresentar no trabalho”.

O concerto Liberdade Já virou um CD duplo, apreendido pela polícia em 17 de fevereiro de 2017 como informou em entrevista o produtor musical Harvey Madiba.

1ª Edição do Luanda Slam (2015)

Já é do nosso conhecimento o percurso de Elisângela Rita, bem como as redes de sociabilidade que ela vai estabelecer até a criação da primeira competição de poetry slam em Angola, o Luanda Slam. Após sua participação na Flup, ela regressa a Luanda com a ideia de organizar uma competição de slam. Em apenas um mês, organiza a competição no Espaço Bahia, a tradicional casa do spoken word em Angola, em parceria com o Artes ao Vivo, de cujo coletivo ela também participava há vários anos.

Anualmente, Rita anuncia que estão abertas as inscrições para o Luanda Slam. O evento de pré-seleção dos inscritos, o Casting, ocorre com pelo menos um mês de antecedência. Os inscritos apresentam suas poesias para um júri técnico. Através do Casting são preenchidas as vagas da competição, no entanto, a quantidade de vagas varia anualmente. Em 2017, com a criação do Muhatu, competição de spoken word feminino, Rita estabeleceu uma nova dinâmica de participação visando à inserção de mais mulheres na competição e isso redesenhará profundamente o Luanda Slam¹³.

Não localizamos muitas informações sobre a 1ª Edição do Luanda Slam. Não consta, no único cartaz de divulgação disponível nas redes sociais, informações sobre cobrança ou não de entrada. O anúncio nos leva ao endereço do Espaço Bahia, o mesmo onde se realizava então o Artes ao Vivo. Não constam informações sobre inscritos em Casting ou como os competidores foram convocados.

Lukeny Bamba Fortunato, o mentor do Artes ao Vivo, foi o vencedor da 1ª competição angolana de slam, seguido de António Paciência e Pedro Belgio. Cláudio Kiala, autor de “Perdidos na noite”, também foi um dos concorrentes. Os poucos vídeos disponíveis na internet com as performances dos slammers trazem, na abertura, uma vinheta na qual se lê: “Artes ao Vivo Apresenta Luanda Slam”. Embora encabeçado por Elisângela Rita, a intenção inicial parece ter sido estabelecer uma parceria. No entanto,

¹³ Discuto os impactos da Muhatu (que significa mulher na língua kimbundu) no artigo “Muhatu e a virada do spoken word em Angola” (Mulemba, v. 11, n. 21, jul-dez. 2019) e na tese de doutorado “Luanda Slam: a literatura angolana fora da página”. Todo o trabalho de campo bem como o período em que organizei eventos de slam no CCBA é apresentado na tese de doutorado.

Rita deixa o coletivo do Artes ao Vivo no ano seguinte e o Luanda Slam segue independente dele.

1º, LUKENY BAMBA FORTUNATO

(Juntei dois versos de rap e fiz spoken...)

Juntei dois versos de rap e fiz spoken/ Subestimar-me agora e ridículo, lírico bíblico Puto N'guxito flamífero grito no micro e causo sismos, escravo ritmo toco o teu íntimo, esse track é um beef e eu sou um carnívoro, aqui ninguém me mata sou um morto vivo / eu vivo Luanda, a banda kianda mal pá caraças / só makas e gajas/ esquece a tua faca isso é uma guerra de armas/ o meu flow asfixia não precisas de asma/ televisão preto e branco para os putos de plasma/ old school Nigga não me compares com a tua liga, somos lendas vivas/ bom rap até o último dia. Abra a boca manifesta/ ou cala a boca e vai a festa/ acaba aquela grade de Cuca/ 'até eu já sei' de quem a culpa/ fiquem com a cultura eu quero uma brazuca/ fita vermelha na cabeça vim com uma bazuca/ o que se passa em Angola não ouço na tua música/ vives em Luanda ou estás em Nova York?/ Quero te ver com esse swag e com febre tifoide/ vi-te a saltar à toa no show do team de sonho agora explica/ como é que vais tirar a catanga/ sem água em casa sem energia/ não aprendeste nada, gastaste energias/ Amanhã é novo dia prepara-te para o trânsito/ povo conformado bro/ voltando àquele assunto o patrocínio vem do gado, não/ esse dinheiro é povo irmão/ aqui tu falas a verdade vais para prisão/ respeita os meus 11 anos de manifestação/ filho de Deus fui enviado para essa missão/ esta família tem cérebro e sychrovisão/ corrupção!/ Não sei se um dia vai acabar, mas não fui eu que disse/ apocalipse, estamos no fim e a koolpa é do Kool Klever/ quero liberdade, Nelson Mandela descansa em paz/ good bye, Fella.¹⁴

O poema acima foi enviado pelo próprio Lukeny Bamba Fortunato, optei por reproduzi-lo como ele me encaminhou, integralmente. Sua performance está disponível no canal do YouTube do Luanda Slam. A performance de Lukeny tem apenas um minuto e cinquenta e oito segundos (01:58), contra 3 minutos e 19 segundos (03:19) de António Paciência e cinco minutos e cinquenta e cinco segundos (05:05) de Pedro Belgio. Caso as regras de Marc Smith já estivessem em prática na competição de 2015, é certo dizer que Paciência e Belgio perderiam pontos ao ultrapassar os três minutos estabelecidos para cada poema. No texto de Lukeny, o rap vem na frente do spoken word e eles se misturam tal como a história da introdução dessas artes em Luanda. Expressões da cultura local como “maka” e “Cuca” se misturam às americanas “old school”, “team”, “bro” e outras, e essa é uma prática comum, não só na poesia, mas também no cotidiano luandense.

Não podemos esquecer que 2015, ano da primeira competição de slam angolano, foi também o ano das prisões dos ativistas 15+2 e do Show Liberdade Já! em Angola e em Portugal. Esse clima de contestação política e social, certamente, marcou muitas das performances dos artistas. Embora só tenhamos acesso aos vídeos dos primeiros

¹⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IS8CG_aeQ6M>.

colocados da competição, já é possível perceber em seus versos como as manifestações e prisões daquele ano influenciaram suas produções.

Com os versos “Abra a boca manifesta/ ou cala a boca e vai à festa/ acaba aquela grade de Cuca”, Lukeny chama a atenção da juventude para a necessidade de se posicionar diante da situação política de Angola. A mensagem é clara: lute ou se submeta. Cuca, cerveja angolana, surge como um elemento de resignação e de denúncia das maratonas de cerveja barata (100,00 kz) entre a juventude. A infraestrutura precária em que vive a maior parte da população luandense é denunciada nos versos: “como é que vais tirar a catinga / sem água em casa sem energia”. Já a palavra inglesa “swag” remete a um modo de vestir da moda estrangeira e ao empregá-la no verso “Quero te ver com esse swag e com febre tifoide”, Lukeny faz uma crítica ácida a sua geração. A febre tifoide é uma doença causada pela bactéria Salmonella e transmitida através de água e alimentos contaminados.

O Artes ao Vivo, que em 2015 completava onze anos, é referenciado no poema de Lukeny como um espaço de resistência política-cultural: “aqui tu falas a verdade vais para prisão/ respeita os meus 11 anos de manifestação”. Lukeny critica ainda os artistas que não expressam a realidade angolana em suas produções: “o que se passa em Angola não ouço na tua música/ vives em Luanda ou estás em Nova York?”. “Synchrovisão” é o nome da produtora cultural dirigida por Lukeny e “koolpa é do Kool Klever” é uma referência ao rapper e amigo de Lukeny, Kool Klever, com quem ele divide a apresentação do programa de rádio Eclético FM.

2º, ANTÓNIO PACIÊNCIA

Nós não somos fezes [?]¹⁵

O ritmo de declamação de António Paciência é ligeiro demais e suas palavras tornam-se quase incompreensíveis, como podemos verificar no vídeo de sua apresentação em 2015. Solicitei o poema por escrito e Paciência afirmou que ele se intitula “Nós não somos fezes”, a letra que ele me enviou, entretanto, não corresponde ao poema do link.

¹⁵ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8HidghYIa04>>.

Do vídeo, registro aqui os versos que consegui compreender e transcrever: “Pra dar mais raiva nos caras pobres serei covarde do tipo assumido que peida e caga-se”. A linguagem coloquial de Paciência cativa a plateia. Ele valoriza um certo naturalismo do cotidiano em várias passagens de seus poemas, como teremos oportunidade de ver nos vídeos de outras competições. Em 2018, António Paciência realizou um show na LAASP, em que seu corpo-texto declamou e representou o cotidiano luandense ao lado de vários artistas convidados.

3º, PEDRO BELGIO

(Para alguns podem dizer que...)

Desculpa, mas será que não podemos dizer que o país tá bom? Já dissemos não queremos jovens que se manifestam. O país está bom assim. O povo pode falar, mas só pelos cantos, não faz nada mais. Por quê? Porque o kota tem culhões. O kota manda. O kota tem poder. O kota assusta. Desde o tempo do fraccionismo e outros mais (...).¹⁶

Infelizmente, não tive acesso ao poema escrito que foi performado por Belgio na competição do Luanda Slam 2015. Ele ficou de enviar, mas até a finalização da tese não o recebi. O vídeo, no entanto, está publicado no YouTube. A performance é longa e no vídeo é possível notar que Belgio, às vezes, cobra atenção da plateia que parece dispersa, talvez devido ao tempo de duração do poema: mais de cinco minutos. Sua performance, contudo, ganha força quando ele caracteriza o “kota”, que significa “o mais velho” em kimbundu, em referência ao então presidente José Eduardo dos Santos: “o kota tem culhões / o kota manda / o kota tem poder / o kota assusta”.

No poema performático, Belgio também faz alusão às manifestações de 2015, os mais velhos não querem “jovens que se manifestam”. A afirmação de que “o país está bom” é apresentada com ironia, ao passo que o texto revela os problemas da administração pública angolana. O kota, o presidente, assusta “desde os tempos do fraccionismo” nos remete ao trágico 27 de maio de 1977, quando um golpe interno dentro do MPLA criou uma das feridas mais profundas da história recente de Angola. Na época, entretanto, o presidente era António Agostinho Neto e não José Eduardo dos Santos.

A censura do MPLA e o medo que a população tem do governo são denunciados nos versos: “O povo pode falar, mas só pelos cantos”. Pedro Belgio, que foi um dos

¹⁶ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yYsXux3m-dY>>.

slammers que se apresentaram no Concerto Liberdade Já!, pela libertação dos 15 presos de junho, encheu sua performance de arte política e seu texto ganhou força ao ecoar as manifestações daquele ano.

Considerações abertas

Como vimos, a criação do Artes ao Vivo, protagonizada por Lukeny Bamba Fortunato, e a realização da primeira competição de poesia falada em Angola, The Spoken Word Project, organizada pelo Goethe-Institut alemão e seus desdobramentos (participação de Elisângela Rita na FLUP 2015) são eventos fundamentais para compreendermos a formação não só do concurso Luanda Slam, mas do que podemos chamar de circuito literário da poetry slam angolana. Cada um desses eventos marcou a formação do Luanda Slam, que por sua vez, será ainda atravessada pelo surgimento de outros atores, como o Muhatu (2017), o Slam Tundawala (2018), o Forno Feminino¹⁷ e Kassemba Slam (2019), Slam Lunar Double Poetry Slam Omununga (2020), entre outros. Juntos, esses eventos culturais reorganizam as dinâmicas desse campo literário que se caracteriza pelo protagonismo de uma produção artística majoritariamente negra e popular em Angola, e pela produção de uma literatura performática, dialógica (slammer/público), produzida na emoção e comoção do encontro, inscrita muitas vezes fora das páginas dos livros, mas reproduzida em vídeos através das redes sociais.

A *poetry slam* tem em comum com a poesia de combate, produzida no calor da luta anticolonial, sobretudo, o caráter de denúncia das desigualdades sociais de seu tempo. Esse grito de indignação e de liberdade ressurgiu no quadro pós-guerra civil em novo contexto e contra outros atores, ainda que se possam identificar continuidades ou consequências do colonialismo nos dias atuais. Os autores dos novos disparos das letras, muitos deles, vivem o cotidiano da periferia da cidade, veem a realidade que denunciam em primeira pessoa. Em sua grande maioria, não têm ascendência portuguesa, como era o caso de muitos escritores da geração da utopia e, para além de Portugal, se

¹⁷ O Forno Feminino foi idealizado pelo slammer Jack Bento, recentemente falecido, que reuniu as slammers Antónia Santos (Nzola Kuzediua), Miss Ruffo, Irene A'mosi, Isvânia Campos, Adolfinha da Cruz (Poetisa Lua), Isy-Sil, Gizele Costa (Poetisa Cacau), África Gomes e Lúcia Gerlú. Bel Neto tem acompanhado as apresentações como slammer convidada, uma espécie de madrinha das poetisas. A 1ª edição do Forno Feminino ocorreu em março de 2019, no Kings Club.

referenciam também nas culturas de língua inglesa dos EUA e da África do Sul. Reconhecer esses aspectos não torna uma geração melhor que a outra, não é uma questão de qualificar poesia e protagonistas, mas sim reconhecer a importância de cada geração e a eficiência de suas respostas às demandas urgentes de sua época.

Biografias: personagens angolanas destacadas

Lukeny Bamba Fortunato aka Puto N'guxito Aka Bambara Aka Young Lu, nasceu em Luanda. No início dos anos 90, sentiu-se cativado pela cultura hip-hop e começou a fazer break dance com os amigos do prédio onde vivia. Em 92, mudou-se para Lisboa, onde continuou a dançar, desta vez com novas amizades que foi fazendo, nesse caso africanos de diferentes nacionalidades (Zé cabo-verdiano, Nando, de raízes Santomenses, e a Caxuxa angolana), que, na altura, viviam em Lisboa. Foi com esse grupo de jovens que começou a enfrentar grandes multidões com performances de Break Dance. Em 95, mudou-se para a África do Sul para estudar. Dá-se, aí, o início de uma nova fase de envolvimento na cultura hip-hop, visto que é na África do Sul onde começou a gravar as primeiras demos, deixando totalmente o Break Dance para segundo plano. Em 2002, gravou as músicas produzidas por Dj Goo, "A Luta Continua" e "Poesia", com Michell Harmon aka shelly shelle", em Louisiana - Sul dos Estados Unidos, para onde se mudou para estudar e trabalhar. Regressa definitivamente a Angola dois anos depois; quando passou a representar a produtora da qual faz parte, Synchronvision/synchrovisão, cujas sedes ficam na Suíça e em Luanda. No dia 19 de Abril de 2004, abriu o primeiro espaço de Spoken Word, Open mic (microfone aberto), o Artes ao Vivo, em Angola na Galeria Cenarius. O evento contou com a colaboração de Africk, Andreza, Marcos, Keita Mayanda, CCCPH, Kardo Bestilo, Shynia, Dilson & Miriam Faria. Desde então, o evento tem crescido, muito tendo sido realizado também na Galeria Celamar, Doca 8. Realizou-se por muito tempo, às terças-feiras, no Espaço Bahia para onde retornou em abril de 2018. Ainda em 2005 o seu amigo Nastio Mosquito criou o show (Beijinho no Rabo) e teve o Lukeny como convidado. Um Grande show que não só deu asas ao movimento spoken word (palavra falada) em Luanda. No dia 16 de Dezembro de 2005 nasceu o que mais tarde passou a ter um membro adicional, o Kool Klever: Eclectismo Poético. A participação de Kool Klever

deu uma nova dinâmica ao Eclectismo Poético, tornando o evento o maior do Movimento de Hip hop Clássico de Angola. E foi assim que as rádios na altura passaram a valorizar outros talentos angolanos, ultrapassando o preconceito em relação ao Hip Hop Underground. Em 2018, criou o coletivo Corrente de Spoken Word e levou o Artes ao Vivo para o canal 2 da TPA – Televisão Pública de Angola, tornando o evento acessível a jovens de outras províncias.

Elisângela Rita nasceu em 1988 em Luanda, é poeta desde a adolescência. Em 2013 começou a atuar como artista de spoken word. Ganhou o 2º Lugar no concurso de spoken word Africano The Spoken Word Project 2013 e representou Angola na Festa Literária das Periferias do Rio de Janeiro – FLUP e no Festival Internacional de Artes de Harare – HIFA, ambos em 2015. Fez atuação (voz) no filme angolano Independência. É curadora e produtora do Luanda Slam - competição de spoken word em Angola, já com quatro edições realizadas – 2015, 2016, 2017 e 2018. Em 2017, realizou o primeiro concurso de Spoken Word Feminino de Angola, MUHATU. É Embaixadora para Angola e responsável pela comunicação na Copa Africana de Poesia Spoken Word - ACSP. Foi oradora no Tedx Luanda 2014 e lançou o seu primeiro livro de poesia “Coração Achado”, publicado em Angola e Portugal, em 2015. Têm poemas publicados na antologia feminina “O Canto da Kianda”, organizado pelo Movimento Lev’Arte. Foi membro da associação Artes ao Vivo, que realiza semanalmente eventos de microfone aberto para poesia e palavra falada, para qual foi apresentadora dos eventos de 2014-2016. É co-fundadora da Casa Rede, em Luanda, fundada em 2019 com artistas angolanos e brasileiros. É formada em direito pela Universidade de Pretória, na África do Sul e fez mestrado na área de Relações Internacionais nos Estados Unidos.

Referências bibliográficas

- BEIRÃO, Luaty. *Sou eu mais livre, então* – diário de um preso político angolano. Lisboa: Tinta da China, 2016.
- CARVALHO FILHO, Silvio de A. *Angola: História, Nação e Literatura (1975-1985)*. Curitiba: Primas, 2016.

- CONCERTOS “Liberdade Já” no Elinga Teatro e na Galeria Zé dos Bois. Angola: [s. n.], 2015. 1 vídeo (6 min). Publicado pelo canal *Liberdade para os Presos Políticos Angolanos*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gtDaQK3gvJc>>. Acesso em: 10 abr. 2019.
- D’ALVA, Roberta Estrela. *Um microfone na mão e uma ideia na cabeça* – o poetry slam entra em cena. *Synergies Brésil*, n. 9, p. 119-126, 2011.
- GOETH INSTITUT. *The Spoken Word Project*. Stories travelling through Africa. Lektora Verlag, 2014.
- KIALA, Cláudio. *Perdidos na escuridão*. Luanda: UEA, 2009.
- LÁZARO, Gilson; SILVA, Osvaldo. Hip-hop em Angola: o rap de intervenção social. *Caderno de Estudos Africanos da Universidade de Lisboa*, n. 31, p. 41-67, jan./jun. 2016.
- LIBERDADE Já: freedom now: liberté immédiate. Angola: [s. n.], 2015. 1 vídeo (2 min). Publicado pelo canal *Liberdade para os Presos Políticos Angolanos*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IG12vi8z8xI>>. Acesso em: 10 abr. 2019.
- MOVIMENTO BERÇO LITERÁRIO. *Poemas de berço e outros versos*. Porto: Papiro Editora, 2014.
- PEPETELA. *A Geração da utopia*. Lisboa: Dom Quixote, 1992.
- PEREGRINO, Miriane. Poesia sem fronteiras: Joice Zau, poeta angolana, é a campeã do Slam Br 2021. *Por Dentro da África*, 2021.
- PEREGRINO, Miriane. Qual o papel da oralidade africana na poética dos slammers? *Cadernos Textos e Debates*. Florianópolis, UFSC/NUER, n. 22 (2021.1), p. 10-37.
- PEREGRINO, Miriane. Muhatu e a virada do spoken word em Angola. *Revista Mulemba*, v. 11, n. 21, jul-dez. 2019, Rio de Janeiro: UFRJ, p. 59-73.
- PEREGRINO, Miriane. A literatura exposta em grito: a poetry slam. *Eutomia Revista de Literatura e Linguística do Departamento de Letras da Universidade Federal de Pernambuco*, Ano XI, V. 1, n. 25, dezembro 2019, Pernambuco: UFPE, p. 229-248.
- PEREGRINO, Miriane. *Luanda Slam: a literatura angolana fora da página*. Rio de Janeiro, 2019. Tese (Doutorado em Ciência da Literatura) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019. 220 f.
- PETRUS, Maria Regina. *Emigrar de Angola e Imigrar no Brasil: jovens imigrantes angolanos no Rio de Janeiro: história(s), trajetórias e redes sociais*. 2001. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano) – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.
- SECCO, Carmen Lúcia Tindó. A poesia angolana pós-independência: tendências e impasses. *Veredas Revista da Associação Internacional de Lusitanistas*, Porto Alegre, v. 7, p. 83-99, dez. 2006.

SIMBAD, Helder. Do Spoken Word ao conceito de poesia dita. *Jornal de Cultura*. 24 jun 2016. Disponível em: <<http://jornalcultura.sapo.ao/letras/do-spoken-word-ao-conceito-de-poesia-dita/fotos>>. Acesso: 24 set. 2019.

Filmografia

CARTAS para Angola. Direção de Coraci Ruiz e Júlio Matos. São Paulo: Laboratório Cisco, 2011. (75 min).

Entrevistas

Antônio Paciência. 2018.

Bel Neto. 2017.

Carmo Neto. 2017

Elisângela Rita. 2018; 2019; 2021.

Ermi Panzo. 2018.

Harvey Madiba. 2018.

Kapa Afonso. 2018.

Lukeny Bamba Fortunato. 2018

Pedro Belgio. 2017.

Sábio Louco. 2019.

*Recebido em 01/03/2022
Aceito em 14/06/2022*

ⁱ **Miriane Peregrino** é Jovem Pesquisadora Fluminense da FAPERJ com o projeto “A expansão dos campeonatos de poetry slam em países de língua portuguesa” e Professora visitante do PPGCL/UFRJ. Tem doutorado em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ, Brasil) com período sanduíche (PDSE/CAPES) na Universidade Agostinho Neto (UAN, Angola). Entre 2019 e 2021 realizou estágios de pesquisa no Romaniches Seminar da Universität Mannheim (UNI-Mannheim) e no Portugiesisch-Brasilianisches Institut da Universität zu Köln (Uni-Köln), ambos na Alemanha. **E-mail:** miriane.peregrino@gmail.com